



Revista de Enfermagem

UFPE On Line

ISSN: 1981-8963

ORIGINAL ARTICLE

THE PRODUCTION OF SUBJECTIVITY IN THE NURSE'S TRAINING

A PRODUÇÃO DA SUBJETIVIDADE NA FORMAÇÃO DO ENFERMEIRO

LA PRODUCCIÓN DE SUBJETIVIDAD EN LA FORMACIÓN DE ENFERMERÍA

Alcivan Nunes Vieira¹, Lia Carneiro Silveira², Antonio Marcos Tosoli Gomes³

ABSTRACT

Objective: to identify the devices for subjectivity production in the nurse's training, within the undergraduate course of Nursing in Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). **Methodology:** this is a descriptive study with a qualitative approach. The research subjects were the professors and students of the Nursing School of UERN. The inclusion criteria were: being a nurse and professor of the Nursing School of UERN. The exclusion criterion was being institutionally away from teaching duties. The data were produced from the course's pedagogical project and through semi-structured interviews. The research project was approved by the Research Ethics Committee of Universidade Estadual do Ceará, under the Opinion 09553053-3. **Results:** it was found that there's a subjectivity production going on, which is generated through established devices: the pedagogical project and the pedagogical practices. There's also the inclusion into the health services. **Conclusion:** subjectivity is produced in the academic daily life, through the devices which constitute it: the course's pedagogical project and the professor-student relationship. **Descriptors:** nursing education; nursing professors; nursing theory.

RESUMO

Objetivo: identificar os dispositivos de produção da subjetividade na formação do enfermeiro, no âmbito do curso de graduação em Enfermagem da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). **Metodologia:** trata-se de estudo descritivo com abordagem qualitativa. Os sujeitos da pesquisa foram os docentes e os discentes da Faculdade de Enfermagem da UERN. Os critérios de inclusão foram: ser enfermeiro e docente da Faculdade de Enfermagem da UERN. O critério de exclusão foi estar institucionalmente afastado das atividades docentes. Os dados foram produzidos a partir do projeto pedagógico do curso e de entrevistas semiestruturadas. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Ceará, com o Parecer n. 09553053-3. **Resultados:** identificou-se que há uma produção da subjetividade em andamento, que é gerada por dispositivos estabelecidos: o projeto pedagógico e as práticas pedagógicas. Há, ainda, a inserção nos serviços de saúde. **Conclusão:** a subjetividade é produzida no cotidiano acadêmico, a partir dos dispositivos que o compõem: o projeto pedagógico do curso e a relação docente-discente. **Descritores:** educação em enfermagem; docentes de enfermagem; teoria de enfermagem.

RESUMEN

Objetivo: identificar los dispositivos de producción de la subjetividad en la formación del enfermero, en el ámbito del curso de graduación en Enfermería de la Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). **Metodología:** esto es un estudio descriptivo con abordaje cualitativo. Los sujetos de la investigación fueron los docentes y los discentes de la Facultad de Enfermería de la UERN. Los criterios de inclusión fueron: ser enfermero y docente de la Facultad de Enfermería de la UERN. El criterio de exclusión fue estar institucionalmente apartado de las actividades docentes. Los datos fueron producidos desde el proyecto pedagógico del curso y entrevistas semi-estructuradas. El proyecto de investigación fue aprobado por el Comité de Ética en Investigación de la Universidade Estadual do Ceará, bajo la Opinión 09553053-3. **Resultados:** se identificó que hay una producción de la subjetividad en andamiento, que es generada por dispositivos establecidos: el proyecto pedagógico y las prácticas pedagógicas. Hay, también, la inserción en los servicios de salud. **Conclusión:** la subjetividad es producida en el cotidiano académico, desde los dispositivos que lo componen: el proyecto pedagógico del curso y la relación docente-discente. **Descriptores:** educación en enfermería; docentes de enfermería; teoría de enfermería.

¹Enfermeiro. Mestre em Cuidados Clínicos em Saúde/CMACCLIS/UECE. Docente da FAEN/UERN e da UNP - Campus Mossoró. Mossoró(RN), Brasil. E-mail: alcivannunes@uern.br; ²Enfermeira. Doutora em Enfermagem (UFC). Docente do Curso de Graduação em Enfermagem da UECE. Docente do Mestrado Acadêmico em Cuidados Clínicos em Saúde (CMACCLIS/UECE). Fortaleza (CE), Brasil. silveiralia@gmail.com; ³Enfermeiro. Doutor em Enfermagem (UFRJ). Professor Adjunto do Departamento de Enfermagem Médico Cirúrgico e do Programa de Pós Graduação em Enfermagem da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro (RJ), Brasil. E-mail: mtosoli@gmail.com

INTRODUÇÃO

A formação profissional do enfermeiro se constitui em um momento onde competências e habilidades são construídas, fundamentadas em articulações interdisciplinares e em uma proposta pedagógica que orienta este processo. A vivência acadêmica proporciona uma aproximação com os serviços de saúde, com diferentes experiências de vida e para a vida dos sujeitos envolvidos; assim, ela é capaz de produzir implicações que extrapolam o âmbito técnico e científico da formação, refletindo-se na produção da subjetividade por parte dos sujeitos discentes e docentes.

Esta produção pode assumir uma perspectiva modelizadora desses sujeitos, por meio de uma padronização nos seus modos de pensar e de ser; e agir sedimentando estereótipos de um agir profissional construído sob a égide do tecnicismo, do cuidado que se limita à execução de procedimentos, rotinas e protocolos assistenciais em função de um “sucesso técnico”.

Na direção oposta, essa mesma produção subjetiva também é capaz de potencializar uma vivência criadora, produtora de novas práticas de cuidado orientadas pelas necessidades dos sujeitos que recorrem aos serviços de saúde, e assim, voltar-se para a busca de um “sucesso existencial”.

Esta ambivalência do cuidado em saúde, e da mesma forma na enfermagem, está no cerne da crise que historicamente é atribuída ao sistema de saúde; houve tentativas de solucionar essa crise, mas, as reformas e reestruturações da atenção à saúde têm se limitado ao seu aspecto estrutural, operacional e legal.

Sem retirar o mérito e a relevância dessas reformas, e embora seja possível registrar movimentos que se diferenciaram ao propor novas perspectivas para a formação, e às práticas profissionais com distintas abordagens dos usuários dos serviços, ainda persiste um caráter normativo nestas “inovações”, com pouco potencial para implicar os sujeitos que operam o cuidado em saúde.

A problemática exposta acima não é passível de explicações reducionistas, e tão pouco de abordagens teóricas rebuscadas e desconectadas de um território existencial que é produzido e que produz os sujeitos nele inseridos; não há como abordá-la por meio de explicações que não tenham como ponto de partida os sujeitos envolvidos na produção do cuidado, e em especial, os sujeitos envolvidos

na formação profissional. Pois, neste espaço, há uma produção subjetiva em andamento cuja direcionalidade tem suas repercussões na maneira como o cuidado em saúde se materializa no cotidiano dos serviços.

A mudança no modo de se produzir saúde é um processo construído por sujeitos desejantes, revolucionários; faz-se necessário então refletir sobre como a subjetividade é percebida neste processo de formação dos enfermeiros.¹

OBJETIVO

- Identificar os dispositivos de produção da subjetividade na formação do enfermeiro, no âmbito do curso de graduação em enfermagem da UERN.

REVISÃO DE LITERATURA

A subjetividade é compreendida enquanto movimentos produzidos historicamente, fabricados por processos cuja gênese não se limita “[...] ao nível individual, mas, estende-se ao âmbito social e até inconsciente [...]”;^{2:41} sua produção é mediada por agenciamentos de enunciação ou semiotização duplamente descentrados em dispositivos extra-individuais (um sistema cultural, econômico, tecnológico, entre outros) e em dispositivos singulares (sensibilidade, afeto, representação, desejo, entre outros).³

A produção da subjetividade acontece em uma dada composição do campo social no entrelaçamento de linhas de força, de subjetivação e de visibilidade; neste sentido, rompe com a concepção de subjetividade enquanto movimento interiorizado marcado pela dimensão do indivíduo na perspectiva do pensamento cartesiano. *“Sujeito não é tomado aqui como sinônimo de indivíduo, uma entidade unitária, portadora de uma essência. Trata-se antes de um processo, uma produção de subjetividade, que articula, por sua vez, o plano do desejo ao plano social”*.^{4:525}

Essa produção opera uma multiplicidade de processos de engendramento contínuo do sujeito, em um terreno de forças que agem, dissipam-se e se recompõem de forma ininterrupta e em estreita articulação com o contexto sócio-histórico. Nele, o sujeito é produzido à medida que também produz as dimensões da vida que o cercam.

Nesta perspectiva, busca-se a superação do olhar sobre o sujeito apenas enquanto indivíduo constituído de carne e osso, regido pelo pensamento e pela razão; pois, ao mesmo tempo em que é individual com todas as suas propriedades particulares, não deixa de ser um sujeito universal.⁵

Quanto à pretensa condição racional, ela é sustentada pelo estatuto da razão cartesiana mediada pelo pensar enquanto ato produtor do mundo que lhe rodeia. Na verdade, este sujeito concebido no plano da racionalidade moderna está imerso em uma intrincada rede de saberes e poderes modeladores de onde partem várias linhas e planos que se ramificam em condições que tornam a existência possível.³

Em um sentido oposto, a subjetivação é um processo modelador dos sujeitos por meio de forças que exercem uma ação envolvendo-o, de onde derivam mudanças no modo de vida. Pois,

A subjetivação é torrencial para uma subjetividade; nela a subjetividade se esfuma num galope sem freios. Então a subjetivação é morte para a subjetividade. Ao contrário a subjetivação é vida para a subjetividade; quando esta incha ou enrijece, o sujeito abre-se para as rajadas de ar fresco da subjetivação.^{6:191}

Enquanto movimento de recomposição de saberes e forças, a subjetivação possibilita processos de desterritorialização e de singularização contrapondo-se aos processos de individualização e serialização do desejo e dos sujeitos, característicos da sociedade capitalista, a quem interessa a regulação da vida e das formas de se produzi-la em sociedade; os sujeitos por sua vez precisam ser tomados nesta dinâmica em que produzem e são produzidos nas relações que estabelecem consigo mesmos e com o mundo que os cerca; esses movimentos correspondem às diferentes formas de subjetivação por meio de dobras.

Entende-se que

[...] tudo no mundo existe dobrado. Sendo assim, se poderia dizer que são essas múltiplas dobraduras do Fora que vão produzir diferentes modos de expressão da subjetividade”.^{7:246} *A dobra condensa um vetor de forças que empreendem uma resistência, produzindo um “[...] ponto de inflexão por meio do qual se constitui um determinado tipo de relação consigo; o modo pelo qual se produz um Dentro do Fora.*^{7:246}

Existem quatro dobras no processo de subjetivação: à primeira correspondem o corpo e seus prazeres, que resistem ao controle elaborado em normas e valores de uma determinada sociedade, que tentam capturá-lo e exercer uma ação homogeneizante dos seus desejos, estabilizando a relação consigo. A segunda dobra produz-se na relação das forças homogeneizantes e segmentadoras do sujeito em indivíduo, por meio de dispositivos de

aniquilamento da sua singularidade e, conseqüentemente, de automação do seu modo de ser, pensar e agir em sociedade. A terceira, a dobra do saber, surge da relação entre saber, poder e verdade constituindo uma articulação entre “[...] o que é verdadeiro com nosso ser, e de nosso ser com a verdade [...]”.⁸ Na quarta dobra, consuma-se a captura do Dentro e do Fora, “[...] imanente ao modo de subjetivação capitalístico e que garante assim a operacionalidade desse modelo”.^{7:252}

Nessa perspectiva, a formação produtora de singularidades e de sujeitos desejantes encaminha-se por meio de rupturas com uma subjetividade de massa e sua propriedade de modelar o desejo e os sujeitos. Situa-se em planos existenciais, no poder criador e subversivo do desejo que opera em múltiplas direções e dimensões; para “[...] que esses processos de efetivem, eles devem criar seus próprios modos de referência, suas próprias cartografias, devem inventar sua práxis de modo a fazer brechas no sistema de subjetividade dominante”.^{3:49}

Portanto, é necessário reconhecer que

A própria formação escolarizada é constituída por dispositivos que produzem e disciplinam a ordem pedagógica. Dispositivos que, como a punição e a recompensa articulados, os exames, as regras disciplinares, entre outros, ao se efetivarem no cotidiano das práticas escolares, colocam e recolocam, permanentemente, o alunado na lógica do funcionamento social dominante.^{9:33}

E, romper com esta perspectiva de formação, pressupõe uma ruptura com as práticas massificadoras e normalizadoras; e assim, fomentar processos de singularização dos sujeitos envolvidos. Para efetivá-la, “é preciso que cada um se afirme na posição singular que ocupa; que a faça viver, que a articule com outros processos de singularização, e que resista a todos os empreendimentos de nivelação da subjetividade”.^{3:50}

MÉTODO

Este estudo consistiu em uma cartografia; este método visa “[...] justamente desenhar a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado, dando conta de suas modulações e de seu movimento permanente”.^{10:57} Não se preocupa apenas com a descrição estática do suposto objeto de estudo, mas com o acompanhamento dos processos que engendram os sujeitos em seus contextos.

Os sujeitos do estudo foram docentes e discentes do curso de graduação em enfermagem, da Faculdade de Enfermagem da

UERN (FAEN/UERN); foram incluídos discentes regularmente matriculados no 9º período da graduação, no semestre letivo 2010.1. E os docentes, enfermeiros, efetivos do departamento de enfermagem. Preservando o anonimato desses sujeitos, seus discursos estão codificados da seguinte forma: EA significando “entrevistado aluno”, sendo numerados de um a dez. EP significando “entrevistado professor”, sendo numerados de um a cinco. A numeração não possui correlação com a ordem das entrevistas ou com qualquer outro atributo capaz de identificar a autoria dos discursos.

Os dados foram produzidos a partir do projeto pedagógico do curso e através de entrevistas semi-estruturadas, realizadas no período de maio a junho de 2010. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UECE (parecer nº 09553053-3).

Considerando a especificidade deste estudo, em apreender os discursos dos sujeitos situados em seus contextos sócio-históricos e os efeitos de sentido que eles produzem, adotou-se como método de análise, a análise do discurso referendada na corrente teórica de perspectiva francesa. Trata-se de um procedimento que se propõe a articular três regiões do conhecimento: o materialismo histórico, a lingüística e a teoria do discurso, possibilitando uma reflexão sobre os contextos e as condições em que os discursos são produzidos e apreendidos, ampliando a compreensão dos mesmos e a superação da análise restrita aos elementos lingüísticos. Para esta corrente, o discurso é um conjunto de enunciados que emerge em um mesmo sistema de formação que lhe imprime significados e efeitos de sentido.¹¹

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Compreende-se que as práticas educativas no âmbito da sociedade estão vinculadas às concepções de saber, poder e verdade que permeiam seus princípios e intencionalidades.⁸ Neste sentido, o saber não é a ciência, não é separável desse ou daquele limiar onde ele é tomado; nem da experiência perceptiva, nem dos valores do imaginário, nem das idéias da época ou dos dados da opinião corrente.^{8:61}

Estamos diante de

[...] uma dupla cadeia política, que é a individualização e totalização simultânea das modernas estruturas de poder [...]. Temos que promover novas formas de subjetividade através da recusa desse tipo de individualidade que nos tem sido imposta por muitos séculos.^{12:77}

Retomando as discussões sobre a

subjetividade, percebe-se que ela se delinea sutilmente pelo entrecruzamento de suas linhas invisíveis, com suas rupturas e devires; inseridas em discursos e práticas internalizados de tal forma, que a percepção de como se dá a sua produção é velada sob a custódia de enunciados.¹³

O projeto pedagógico da FAEN/UERN,¹⁴ projeta um olhar acerca da enfermagem a partir da relação capital-trabalho. Segundo esse mesmo projeto, a formação

[...] da FAEN tem como base o estudo da dinâmica das transformações da produção da força de trabalho e de sua articulação com as políticas sociais e com os movimentos sociais que buscam as transformações dos serviços de saúde e da sociedade em geral.^{14:21}

Ao cartógrafo não importa, não interessa o estatuto da verdade propagada, mas sim o questionamento dos mecanismos que a produzem.¹⁰ Assim, nestes enunciados, pode-se identificar uma tentativa de totalizar nesse pólo (capital-trabalho) os princípios para a formação do enfermeiro, manifestos em dispositivos de produção do saber e da verdade; esta totalização acaba assumindo um enfoque reducionista da formação cuja explicação, passa por esta discursividade como areia entre nossas mãos.

Neste contexto discursivo, a discussão capital-trabalho surgiu como totalizadora, como uma lente mediadora das aproximações com a realidade; mas por que a única lente?

Esse questionamento se deve ao fato de que, no âmbito da FAEN/UERN, o projeto pedagógico e a formação como um todo não possuem uma discussão explícita sobre a produção da subjetividade; embora eles sejam constituídos por dispositivos de subjetivação nem sempre reconhecidos pelos efeitos de sentidos que possuem.

Segundo o mesmo projeto pedagógico, a educação é concebida como um

Processo de formação integral do homem, que visa a contribuir para a construção de sua visão de mundo de forma crítica, consciente. Prática social utilizada como forte instrumento ideológico. Elemento de alienação e submissão das classes menos favorecidas em detrimento da possibilidade da construção da consciência crítica.^{14:29}

Nesse sentido, ela é reconhecida tanto como possibilidade de assujeitamento ideológico quanto de emancipação política mediada pelo conhecimento que pode ser: repassado, apreendido e reconstruído. O propósito da formação, segundo o PPC, é

[...] formar o enfermeiro crítico e reflexivo com competência técnico-científica, ético-

política, para participar efetivamente da consecução do direito universal à saúde, partindo da realidade dos serviços de saúde e totalidade social, com vistas à transformação dessa realidade, respeitando os princípios éticos e legais da profissão valorizando o ser humano em sua totalidade e no exercício da cidadania.^{14:31}

Existem intencionalidades, objetivos bem delimitados e uma ideologia que, *a priori*, rege este processo. Embora não reconhecidos como dispositivos de subjetivação, eles cumprem esse papel delineando a produção da subjetividade no cotidiano acadêmico.

Este reconhecimento é necessário para que os sujeitos, docentes e discentes, vejam-se como produtores de movimentos de singularização, e não apenas como sujeitos fadados a reproduzir uma perspectiva profissional que não coincida com seus desejos, sem correspondência com suas implicações.

Quando abordados sobre como eles viam a produção da subjetividade na formação, tanto docentes quanto discentes pediram uma explicação sobre como o pesquisador compreendia o termo, situando-o semanticamente para que pudéssemos tratar de sentidos próximos, afins. Esta etapa inicial precedeu quase todas as entrevistas e favoreceu o diálogo entre os sujeitos.

Mesmo assim, foi observada em várias entrevistas, uma tentativa de dissimular a dificuldade para elaborar uma resposta à questão por falta de um embasamento teórico, e pela impregnação dos seus discursos pelas formações discursivas contidas no projeto pedagógico. Dificuldade que foi expressa nos discursos dos docentes, enquanto reticentes e incompletos.

Pesquisador: De certa forma você já me fez entender, mas aí eu pergunto pra gente ter mais claro isso: Como é que você consegue ver a FAEN enquanto espaço de produção de sujeito e de subjetividade?

[...] por que a partir dos conceitos formulados e na formação e a partir de concepções de estudos das disciplinas e tudo, a gente percebe que trabalhando a subjetividade realmente é fundamental porque é nela que a gente consegue dimensionar os aspectos relacionados a ... a assistência realmente a [...] a [...] a [...] dimensão do cuidado e da clínica e porque se a gente fosse fazer só na objetividade esse [...] esse cuidado [...] essa [...] essa parte do cuidado nas formações da clínica, se tornaria um pouco limítrofe ou seja muito assim muito aquém, ainda então pra gente trabalhar com subjetividade “conci” [...] “conci” [...] concilia e faz com que nossa [...] nossa ampliação em relação ao

cuidado na pessoa mais modificado [...] eu acho. (EA3)

Pesquisador: como você percebe a produção da subjetividade na formação do enfermeiro, na FAEN?

Olhe, infelizmente[...] então assim[...] eu, o que eu percebo é que assim[...] nós estamos num momento embora como eu já falei, é[...] é [...] são coisas contraditórias, são essas coisas que vão acontecendo, uma coisa acontece de uma forma, uma outra já acontece de outra e aí, dependendo do sujeito que está envolvido uma pode derrubar a outra e isso pode ser positivo ou negativo [...] mesmos[...]. (EP2)

Quando foi possível situar teoricamente a discussão e elaborar uma resposta, os discentes com muita franqueza afirmaram que a subjetividade:

Tem sentido de trabalho, de que você tem a oportunidade de transcrever aquilo[...] realidade que você vê, sim[...] porém sempre com barreiras já que você traz aquele conhecimento que você aprendeu naquela prática [...]. (EA1)

[...] não é trabalhada muitas vezes como algo da nossa vida pessoal, e sim como uma coisa que a agente tem que ter pra que a gente seja enfermeiro [...]. (EA2)

[...] muitas [...] é [...] na maioria das vezes isso foi bem aceito [...] tolerado [...]. (EA3)

Subjetividade é algo tão seu, que quando você tenta escrever sobre ... corre o risco de racionalizar e se perder no conceito. Mas acredito que subjetividade tem a ver com autonomia, a possibilidade de ser si mesmo, reconhecendo que essa autonomia é relativa e carece de certa responsabilização. Mas penso que subjetividade tem a ver com autonomia, liberdade, criatividade, expressão, inacabamento, sentimentos bons ou ruins. (EA4)

[...] aparece muito bonita mas[...] é como eu falei, a realidade[...] ela não ajuda a gente materializar na prática esse tipo de cuidado[...] essa clínica que a gente imagina dentro do curso.[...] E não são todos os professores que deixam o aluno nessa perspectiva [...]. (EA9)

Em EA4 temos uma perspectiva polissêmica de percepção da subjetividade que se destacou, pois, apareceu também na inquietude e no desconforto por estar discutindo essas questões. Isto se deveu a partir de um outro olhar sobre o processo de formação, que não fosse o viés tecnicista, e também por não estar considerando apenas a perspectiva do projeto pedagógico.

Os discursos polissêmicos se destacam por destoar dos demais discursos, situando a subjetividade em um campo discursivo conformado por práticas mediadoras de

relações do sujeito consigo mesmo, rompendo com a ótica serial e normalizadora que impregna o tecido social em todas as suas instâncias de produção, ditando modos ser e de agir.

Apesar dos instantes em que nas práticas pedagógicas alguns dispositivos modeladores e de captura da subjetividade são acionados,

[...] os inconscientes às vezes - e cada vez mais - protestam. Só que a rigor não poderíamos chamar isso de “protesto”. Melhor seria falarmos em “afirmação” ou em “invenção”: desinvestem-se as linhas de montagem, investem-se em outras linhas; ou seja inventam-se outros mundos.^{3:12}

Para alguns discentes, a subjetividade passa pela construção da autonomia, porém, relacionada à formação técnica:

Pesquisador: [...] eu queria que você falasse da subjetividade enquanto esse percurso que você descobriu as coisas, em que você dava sentido às coisas na sua vivência acadêmica:

Nesse aspecto, veja bem, é porque assim[...] porque toda a vida [acadêmica] fui afoito para a questão dos procedimentos, até mesmo o cuidado [...] é [...] nesse momento, mesmo assim eu acho que foi bom. Não faz sentido até descobrir algumas doenças no paciente que o próprio médico não viu pelo fato de não buscar um [...] um aspecto maior em relação aos pacientes, fazer uma anamnese mais detalhada [...]. (EA9)

Num pequeno espaço de tempo eu acho que deveria aqui é [...] se possível, é [...] ampliar o número de horas mas que pudesse ser mais vamos dizer assim [...] uma qualificação profissional [referindo-se à necessidade de mais aulas práticas nos serviços para, no pensamento do discente, compensar as aulas mais “reflexivas”]. (EA5)

As limitações para a produção subjetiva singular estão presentes em práticas (linhas de força e de visibilidade) que delineiam e acomodam um modo de ser naturalizado, instituído e modelador do processo de formação. Pois, segundo o discurso dos sujeitos:

Na maioria das vezes você faz uma atividade relacionada ao trabalho científico, alguma [...] alguma coisa parecida, mas sempre com [...] seguindo instruções já estabelecidas pela faculdade, então você num pode criar sua própria produção! (EA1)

[...] na mesma equipe produzimos trabalhos isolados por não se articularem ... realmente produzem [os discentes] esse turbilhão aí de trabalhos que parece uma torre de babel ... que não se comunicam né? (EP2)

[...] assim, cada disciplina cobra pra um aluno durante um ano[...] a gente depois vai ver o tanto de trabalho esse aluno tem aí, o tanto de papel que foi né?, entregue, impressos de várias coisas, artigos, os nossos computadores estão abarrotados de trabalhos, e a gente não consegue adiantar, passar pra frente esses trabalhos né? (EP2)

Para outros discentes, o sentimento presente é o de que a forma de avaliação trabalhada pelos docentes é um impeditivo à liberdade de criação por parte do aluno, e, portanto, limitadora da produção da singularidade:

Penso que a subjetividade na FAEN nos é podada certas vezes. É o projeto de pesquisa que não se enquadra no que os professores querem é [...] a forma como se escreve, os pensamentos. Existe uma certa falta de liberdade, uma certa rigidez nas produções[...]. (EA4)

[...] no início, nos primeiros projetos que a agente fez [...] vamos dizer , a gente fazia de peito empolado, com aquela vontade de fazer pra ver aquilo posto em prática; mas de um certo tempo pra cá, não só eu mas todos meus colegas, faz por fazer porque sabe que não vai sair daquilo [do plano teórico]. (EA5)

Os discursos expressaram a percepção de uma produção subjetiva que tenta modelar os sujeitos na formação; mesmo assim, foram identificados movimentos que expressaram o contrário, e merecem ser considerados, pois foram tecidos em estreita articulação com os sentimentos vividos, manifestos em outros momentos das entrevistas cujas entrelinhas evidenciam essas vivências.

A partir a partir da nossa própria autonomia enquanto, enquanto discente a gente procura mesmo com as limitações impostas muitas vezes pela faculdade, a gente tenta esses dribles através da autonomia enquanto discente pra que realmente nossa concepção faça valer. E que a gente a partir das práticas em[...] em estágios, conhecimentos outros mais tanto ao nível dos serviços de saúde como de educação, a gente possa exercer nossa autonomia pra tá formulando nossas opiniões [...]. (EA3)

No discurso docente, a prática pedagógica adotada por si mesma já fomenta a singularização dos sujeitos, e assegura uma ampla participação na construção dos referenciais teóricos e das práticas que subsidiam a construção das competências profissionais. Essa prática volta-se para o questionamento da realidade que cerca a formação; algumas estratégias são empregadas para envolver os discentes e motivá-los para uma participação ativa no cotidiano.

[...] eu tenho trazido elementos pra esse aluno propriamente assim[...] ele mesmo se desafia, ele mesmo se veja estimulado a perceber e a compreender os aspectos da sua realidade e a produzir a partir do que a gente... produziu na teoria [...]. (EP2)

[...] é começar a fazer alguns questionamentos pra que o aluno se envolva mais com aquela realidade, ele sinta que vai ser necessário pr'quela realidade [...]. [...] a realidade que vai gerando muitas interrogações e ele [o discente] vai trazendo essas interrogações pra sala de aula e a partir daí ele começa a se inquietar [...]. (EP3)

[...] a gente tem muito aluno bom e, vamos dizer, que extrapola nossas expectativas, mas porque ele busca individualmente, ele estuda individualmente. A gente tem até aquele aluno que estuda em conjunto com seu grupo e ajuda seu grupo a crescer [exemplificando os mecanismos de produção de subjetividade na FAEN] [...]. (EP5)

[...] procuro conversar individualmente [...] por email, eu procuro manter correspondência através de listas [...] e mail's coletivos; [...] com alguns eu consigo estabelecer diálogo; eu procuro encaminhar para outros colegas que discutem outras temáticas [...]. (EP5)

A inserção nos serviços de saúde, seja nos momentos de aulas práticas ou nos estágios, foi percebida como fuga do espaço acadêmico instituído e ao mesmo tempo como espaço para a singularização dos sujeitos; nas estratégias pedagógicas que mobilizaram de fato a participação dos alunos, ela aparece como *lócus* privilegiado de vivências singulares. Como espaço para construção de autonomia discente, onde ele “dribla” a relação vertical com o professor e se permite experienciar a produção do cuidado em uma articulação de saberes e práticas nos próprios serviços de saúde.

O aluno tem liberdade de, nos estágios, fazer a sua própria concepção de clínica e de cuidado, de[...] de todo trabalho da enfermagem, como um todo. (EA1)

[...] a partir do quinto período que a gente começou a ter alguma leitura da[...] exatamente da prática de ensino, sair das[...] pras comunidades, entrar na realidade da população, é que a gente sente mesmo que não é mais[...] não dá mais pra se fazer aquilo que é imposto! (EA10)

Mesmo assim, a formação no âmbito da FAEN ainda produz nos discentes sentimentos de cerceamento da singularidade quando os discursos e as práticas instituídas surgem como algo já elaborado e, por ser anterior a eles, com *status* de uma verdade a ser assimilada e pouco questionada. Condensando uma subjetividade do tipo “recipiente”,³ onde

os discursos são depositados e assim automaticamente interiorizados pelos sujeitos.

[...] a gente é humano [e não máquinas, como muitas vezes a formação tenta nos apreender], e que é por isso que a gente tem [...] que é por isso que a gente tem uma subjetividade, e a nossa subjetividade enquanto ser humano vai dizer quem a gente é[...] como a gente é subjetivo enquanto enfermeiro. (EA3)

Os discursos e os sentidos produzidos nesse contexto giram em torno de um referencial teórico, que demarca os limites de sua produção mantendo uma relação de dependência acerca do que pode ser considerado como verdade, plausível e coerente com esse mesmo referencial.

Os referenciais teóricos da formação do enfermeiro fazem parte de uma complexa teia de saberes no campo da saúde, onde coexistem tensões de natureza ideológica, institucional, cultural e subjetiva. Nesses campos, os discursos instituídos do pensar e do fazer da enfermagem, a partir das Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem,¹⁴ são atravessados pela subjetividade (movimentos instituintes) dos seus agentes (docentes e discentes) em intensidades e singularidades diversas.

Neste sentido, os princípios das DCNE por si só não garantem uma formação que possibilite a reconstrução dos processos de trabalho do enfermeiro, e da produção do cuidado em saúde; mas, na busca deste propósito, não se trata de desconsiderar totalmente esses princípios, mas sim, de problematizar sob que contexto histórico e em que referenciais teóricos foram concebidos. E não apenas aceitá-los passivamente, e adotar essas mesmas concepções acerca da saúde e da própria enfermagem que não se justificam por si mesmas, uma vez que materializam o produto de uma construção histórica cujas regras de produção precisam ser compreendidas.

Embora nem sempre a pedagogia seja vista como *modus* de fazer ver, falar e sentir, esta intencionalidade das DCNE é mediada por dispositivos pedagógicos diversos (o projeto pedagógico, a relação docente-discente, a articulação ensino-serviço); eles estão inseridos em um contexto de instâncias micropolíticas que se define, que se destrói e se constrói nas relações entre os sujeitos nele inseridos em movimentos instituídos e instituintes, produtores de linhas de força nas relações de saber e poder.¹⁵

Entende-se que

A pedagogia não pode ser vista já como um espaço neutro não problemático de desenvolvimento ou de mediação, como um mero espaço de possibilidades para o desenvolvimento ou a melhoria do autoconhecimento, da auto-estima, da economia, da autoconfiança, do autocontrole, da auto-regulação, etc., mas como produzindo formas de experiência de si nas quais os indivíduos podem se tornar sujeitos de um modo particular.^{16:57}

Seus dispositivos conformam uma governamentalidade, que pode ser deslocada das tecnologias de dominação para as tecnologias de si. Estas seriam “[...] as condições práticas e históricas de possibilidade da produção do sujeito através das formas de subjetivação que constituem sua própria interioridade na forma de sua experiência de si mesmo”.^{16:55}

Para essa mudança de foco, é imprescindível rever as relações entre os sujeitos, ou, os encontros possíveis no espaço da formação, reconstruindo os valores que os regem. E assim, possibilitar a emergência de valores a partir dos próprios sujeitos - docentes e discentes - e de suas implicações; valores estes que estejam voltados para a produção de singularidades, em sujeitos desejantes de novas formas de produzir o cuidado em saúde, e o cuidado da enfermagem.

E, se, ao invés de modelar a conduta desses sujeitos, a prática pedagógica possibilitar expressões éticas, estéticas e políticas,¹⁸ elas serão capazes de atravessar o contexto discursivo e instaurar novos agenciamentos na vivência acadêmica. Esse deslocamento da formação centrada no professor, para uma formação centrada no aluno sujeito, valorizando seus saberes e vivências prévias, é fruto de mudanças no processo de ensino, decorrentes das Diretrizes Nacionais para a Formação do Enfermeiro.¹⁹

Descarta-se, portanto, qualquer suposta relação de linearidade que se possa estabelecer nesta apreensão. Pois, na verdade, há processos de subjetivação em curso e esses sujeitos estão singularmente implicados, à medida que produzem implicações em um plano de forças no espaço da formação; onde os discursos produzem sentidos e modos de reagir (movimentos instituintes) ao plano instituído.

Pensando nas práticas pedagógicas e em sua condição de dispositivos, esses movimentos instituintes seriam a recomposição de suas linhas (de visibilidade, de força e enunciação) em um plano conceitual que possibilitasse novos movimentos inventivos.

Que sejam capazes de recriar seus fluxos

de apropriação e de produção do conhecimento, produzindo agenciamentos coletivos, e ao mesmo tempo sendo produtores de singularidades, pontos de desvio para os “nós” materializados nas fragmentações e objetificações da existência.

CONCLUSÕES

A produção da subjetividade na formação do enfermeiro, no contexto estudado, é mediada pelo projeto pedagógico e seu referencial teórico metodológico; o mesmo está ancorado em uma perspectiva materialista dialética. Essa mediação se dá também pela relação docente-discente e pelas práticas pedagógicas adotadas no cotidiano acadêmico.

Mesmo não havendo uma discussão explícita sobre essa produção, ela acontece a partir de práticas e discursos instituídos que, em alguns momentos, limitam outras possibilidades de produzir subjetividades.

Um currículo de graduação e as práticas pedagógicas vivenciadas ao longo da formação podem ser vistos como dispositivos de governamentalidade dos sujeitos. Na medida em que sistematizam o acesso aos conhecimentos, e modelam as vivências inerentes à formação profissional.

Neste contexto, essa governamentalidade é percebida enquanto discursos e práticas que direcionam a formação excluindo, por vezes, a capacidade de singularização dos sujeitos discentes, o seu potencial inventivo e a sua capacidade de dar direcionalidade a esta formação, a partir de como eles são implicados por ela.

Para os docentes a formação, em seus dispositivos instituídos (o projeto pedagógico e as práticas pedagógicas), já assegura uma produção da subjetividade onde o aluno é estimulado a assumir a condição de sujeito de sua aprendizagem. Embora os discursos dos discentes tenham outros olhares sobre esta intencionalidade, uma vez que eles manifestam a necessidade de aprender além daquilo que já sabido, e de aprender mediante suas próprias experiências e implicações.

REFERÊNCIAS

1. Merhy EE. Saúde - A cartografia do trabalho vivo. São Paulo: HUCITEC; 2005.

2. Silveira LC. Equipe de saúde mental: sociopoetizando o hospital dia. [Dissertação de Mestrado]. Fortaleza-CE: Editora da Universidade Federal do Ceará; 2001.

3. Guattari F, Rolnik S. Micropolítica -

cartografias do desejo. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes; 1986.

4. Oliveira DC, Vidal CRPM, Silveira LC, Silva LMS da. O processo de trabalho e a clínica na enfermagem: pensando novas possibilidades. In: Rev Enferm UERJ, Rio de Janeiro; 17(4): 521-6, out/dez, 2009.

5. Teixeira RR. Agenciamentos tecnosemiológicos e produção de subjetividade: Contribuição para o debate sobre a trans-formação do sujeito na saúde. In: Ciên Saúde Coletiva, 6(1): 49-61, 2001.

6. Rago M, Orlandi LBL, Veiga-Neto A, organizadores. Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas. Rio de Janeiro: DP&A; 2005.

7. Silva RN. A dobra deleuziana: o mundo como potência de invenção. In: Fonseca TMG, Engelman S (Orgs). Corpo, Arte e Clínica. Porto Alegre: Editora da UFRGS; 2004. p. 45-57.

8. Deleuze G. Foucault. Tradução de Claudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Editora Brasiliense; 2005.

9. Barros MEB. Procurando outros paradigmas para a educação. In: Educ Sociedade, ano XXI, nº 72, p. 32-42, agosto/2000.

10. Passos E, Kastrup V, Escóssia L da. Pistas do método da cartografia. Pesquisa - intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Editora Sulina; 2009.

11. Orlandi EP. Análise de discurso - Princípios e procedimentos. 6ª Ed. Campinas: Pontes; 2005.

12. Foucault M. A história da sexualidade 1: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Editora Graal; 1985.

13. Deleuze G, Guattari F. Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia. Tadução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34; 1995. Vol. 1

14. Faculdade de Enfermagem, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Projeto Pedagógico do Curso de Enfermagem - Faculdade de enfermagem da Universidade do Estado do RN; Mossoró (RN): 1998, 130 p.

15. Kruse MHL. É possível pensar de outro modo a educação em enfermagem? Esc Anna Nery [periódico na Internet]. 2008 jun [Acesso em 2010 nov 25]; 12(2): 348-352. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452008000200023&lng=pt. doi: 10.1590/S1414-81452008000200023.

16. Silva TT da. O sujeito da educação. Petrópolis: Editora Vozes; 1995.

17. Araújo JL de, Paz EPA, Moreira TMM.

Hermenêutica e o cuidado de saúde na hipertensão arterial realizado por enfermeiros na estratégia saúde da família. Esc Anna Nery [periódico na Internet]. 2010 set [Acesso em 2010 nov 24]; 14(3): 560-566. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452010000300018&lng=pt. doi: 10.1590/S1414-81452010000300018.

18. Guattari F. Caosmose: um novo paradigma estético. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34; 1992.

19. Azevedo D, Rosendo C. The problem-based on education in nursing: an integrative literature review. Rev Enferm UFPE on line [periódico da internet]. 2011 set [acesso em 2011 set 02]; 5(7):1782-90. Disponível em: <http://www.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/view/1795>.

Sources of funding: CNPq

Conflict of interest: No

Date of first submission: 2011/09/05

Last received: 2011/12/12

Accepted: 2011/12/12

Publishing: 2012/01/01

Corresponding Address

Alcivan Nunes Vieira

Rua Martins Jr., 394 – Planalto 13 Maio

CEP: 59633-350 – Mossoró (RN), Brazil